



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

FLUP 50

Transformar o futuro sem esquecer o passado

Porto
2011

Ficha Técnica

Título: ***FLUP 50. Transformar o futuro sem esquecer o passado***

Organização: **Direção da FLUP**

Edição: **Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

© Copyright 2011 – Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Autores

Execução Gráfica: **Invulgar / Artes Gráficas, Lda.**

Tiragem: **500 exemplares**

Depósito Legal: **337692/11**

ISBN: 978-972-8932-90-9

Ano: **dezembro de 2011**

2.5.2. O Curso de Ciências da Comunicação na U.P.

Eugénio dos Santos

A licenciatura, que a Universidade do Porto ministra na área das Ciências da Comunicação (outrora designada também por Jornalismo), iniciou-se apenas no ano de 2000, sendo, portanto, muito recente. Apesar disso, esta área de estudos alargou-se, desde logo, às correspondentes pós-graduações, isto é, a mestrados e a doutoramentos, tanto para a formação dos seus próprios quadros, como para a habilitação de profissionais altamente qualificados. Durante esta primeira década de funcionamento várias centenas de especialistas aí receberam formação superior e o Curso pode orgulhar-se do trabalho por si produzido, prestigiando, a seu modo, a própria Universidade. Os doutoramentos já realizados e os que estão em curso, a curto prazo, garantem um futuro sólido e auspicioso para esta área de intervenção científica, técnica e sociológica, na qual a nossa Universidade se vem afirmando progressivamente.

A decisão de abrir-se aos estudos superiores de comunicação social contudo foi olhada, ao menos no início, por parte dos então responsáveis pelas várias faculdades (de que se compunha o Senado), com bastantes reservas. Considerava-se essa área do saber ainda algo indefinida e, portanto, pouco atrativa para uma Academia como a do Porto. Outro argumento algo dissuasor então utilizado era o de que já havia, no panorama nacional, várias Escolas de estudos desse tipo, minguando, pois, o espaço para qualquer outra iniciativa. A verdade é que o arranque, embora sempre sob alguma suspeição, encarregar-se-ia de ir demonstrando que tais reservas se encontravam destituídas de qualquer fundamento. Os candidatos ao ensino superior afluíram em grande número e as classificações elevadas daqueles que lograram ir entrando provam que ele veio preencher uma lacuna, a que, aliás, as várias instituições universitárias portuguesas já haviam respondido.

Procuremos resgatar, ao menos nos seus traços fundamentais, a memória das diligências então encetadas e os resultados delas decorrentes. Desde já, é justo referir que, no comando dos destinos da reitoria da Universidade, os três maiores responsáveis pelo arranque do Curso foram os reitores Alberto Amaral e Novais Barbosa, sendo o primeiro deles fortemente coadjuvado pelo seu vice-reitor Cândido dos Santos. Eles perceberam que a cidade e a região norte mantinham, ao longo do todo o século XX uma poderosa imprensa diária, corporizada por três grandes jornais quotidianos, a saber, o *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*, complementados por várias estações de rádio e por sucursais de cadeias de televisão, desde que esta se impôs no panorama nacional. Para além destes matutinos, publicava-se ainda um jornal vespertino, *O Diário do Norte*, que apenas deixou de ser editado pouco antes da revolução de abril de 1974. Portanto, a região usufruía de vários canais de informação privilegiada e as suas gentes apreciavam-nos. Parecerá até estranho que só tardiamente a poderosa universidade portuense se tenha disponibilizado para dar guarida aos estudos sistemáticos de

comunicação social. Quanto a nós, tal postura merecerá uma dupla explicação. A primeira radicará em que o ofício de jornalista ou de comunicador social haviam sido intencionalmente desvalorizados durante as décadas do regime liderado por Salazar. A censura prévia impunha-se-lhes e condicionava-os fortemente e a imagem pública do jornalista não concorria com o prestígio das demais formações académicas. Ele não deveria passar – dizia-se! – de um simples narrador/relator de factos de interesse coletivo, sem, contudo, se aventurar em emitir comentários políticos. Por outro lado, na cidade existia uma enraizada Associação de Jornalistas e Homens de Letras que congregava e ia amparando os mais exigentes e independentes, cuja atividade profissional se situava nesse domínio. Seguiu-se-lhe, aliás, um Centro de Formação de Jornalistas, reunindo-se aí os que teorizavam, praticavam e pretendiam influenciar as futuras orientações da comunicação de massas, fosse ela escrita, falada ou televisiva. Tais associações sentiram corados os seus intentos e objetivos, quando, em 1986, foi fundada a Escola Superior de Jornalismo, reconhecida imediatamente pelo Ministério da Educação. A partir de então, quem seguisse o seu currículo completo obteria um diploma de ensino superior. Muitas centenas de conhecidos profissionais lá adquiriram ou aperfeiçoaram os seus saberes. Nomes? Eis alguns: Fátima Campos Ferreira, Judite de Sousa, Júlio Magalhães, Carlos Daniel, Carlos Magno, José Alberto de Carvalho... O arranque oficial do ano letivo de 1986/87 da Escola teve lugar no Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras, presidindo ao ato o então Ministro da Educação José Augusto Seabra, ele próprio intelectual, político, poeta e jornalista. A nova instituição assentava no modelo cooperativo, agregando vários docentes da Universidade do Porto, bem como jornalistas, radialistas e outros técnicos da comunicação social, mantendo-se ela em atividade até 2004, embora esvaziada progressivamente, por decisão própria. Ela foi sempre dirigida por um académico da nossa Universidade. A Escola Superior de Jornalismo tornou-se mesmo pioneira, sendo a mais antiga do país a proporcionar aos seus estudantes uma carreira académica e simultaneamente uma via profissionalizante na área da comunicação social. Tendo estabelecido protocolos de cooperação com múltiplas empresas e instituições da sua área, cedo se associou à Universidade do Porto, de que alguns dos seus docentes eram professores. O acordo de mútua cooperação foi assinado em 24 de março de 1988.

E foi a partir de 1997 que surgiu a ideia de uma integração dessa Escola na Universidade. As discussões e negociações foram conduzidas pelos responsáveis das duas instituições, que chegaram a acordo sobre essa fusão, em julho desse ano. O então reitor da U.P. enviou um ofício ao presidente do Conselho Diretivo da Faculdade de Letras, em 26 de setembro de 1997, comunicando-lhe que “surgiu a vontade e o acordo mútuo de integração da E.S.J. na U.P., entendendo esta reitoria que a Faculdade de Letras (...) seria o espaço que reúne as condições mais adequadas a uma tal integração. Assim, coloco à consideração da V. Ex.^a esta possibilidade...”. Contudo, algumas dificuldades de concretização desse acordo foram surgindo (a Escola era privada e pertencia ao ensino politécnico, enquanto a Universidade, não). Aliadas, depois, a mudança de reitor, a uma nova orientação governativa, às exigências dos órgãos institucionais da própria universidade, algumas dificuldades imprevistas atrasaram a conclusão do

processo. Assim, só em 1999 ficou decidido que a Universidade do Porto abriria o seu próprio Curso de Jornalismo e Ciências da Comunicação, assente numa parceria entre quatro faculdades, a saber, Letras, Engenharia, Economia e Belas Artes, recrutando professores onde os houvesse, mas privilegiando a integração dos docentes graduados da Escola Superior de Jornalismo, os quais seriam preferidos, em igualdade de circunstâncias. A Escola, como contrapartida da absorção dos seus docentes e funcionários, não receberia mais alunos, encerrando quando os últimos se formassem, ou esgotassem os prazos legais de frequência.

A sua biblioteca e material audio-visual de interesse (como câmaras, mesas de mistura, cabos, etc.) seriam cedidos à Universidade do Porto que, por sua vez, guardaria o arquivo informatizado da Escola, entretanto encerrada.

Este relato sucinto daquilo que ocorreu permite-nos perceber a razão principal pela qual a Universidade só abriu o seu próprio Curso nesse ano de 2000. Não se tratava de uma absorção pura e simples do que já existia, mas de uma criação “ex novo”, a qual tinha em conta múltiplas experiências, entretanto surgidas, tanto em Portugal, como fora das suas fronteiras. A década iniciada em 1990 coincidiu, aliás, com um período de criação de cursos de jornalismo e comunicação em universidades públicas (casos da Nova de Lisboa, do Minho e de Coimbra) e em muitas instituições privadas, tanto politécnicas como universitárias. Hoje existem dezenas de cursos superiores na área de jornalismo e ciências da comunicação, o que produziu uma verdadeira saturação, em termos de mercado de profissionais. Contudo, há que referir que esta continua a ser uma área de grande atração de estudantes. Nas várias instituições, sobretudo públicas, não se assiste à falta de candidatos para este curso, mesmo sendo o seu custo médio bastante elevado (como é o caso de algumas universidades, de tipo privado – a Católica, por exemplo).

Voltemos ao curso de Jornalismo da Universidade do Porto. Refira-se, desde logo, que essa área de estudos fez parte do plano estratégico do seu desenvolvimento, desde 2000. Por isso, o reitor Prof. Novais Barbosa a contemplou com especial atenção. Nomeou, para discutir e estruturar o seu currículo, uma comissão “ad-hoc”, onde se encontravam académicos e profissionais, em exercício efetivo de funções.

Essa comissão era composta por docentes provenientes das quatro faculdades fundadoras, as quais subscreveram um protocolo de funcionamento partilhado desse curso.

No início do ano de 2000 esse protocolo foi efetivamente assinado perante o reitor e, daí em diante, as quatro faculdades acolhem o Curso, fornecendo-lhe os respetivos docentes. A Faculdade de Letras funcionou sempre como a “âncora institucional” e, portanto, o diretor do curso é um dos seus docentes.

Como poderemos caracterizar sinteticamente este curso na data da sua fundação? A nota mais evidente é que ele se distanciou intencionalmente de todos os seus congéneres das universidades portuguesas. No pré-delineamento do seu currículo, foram analisados cuidadosamente outros, ministrados nos vários

países europeus, no Brasil, na América do norte, e até, na Austrália. O objetivo era apercebermo-nos daquilo que de mais avançado se ia fazendo no mundo, sem nunca olvidar a realidade concreta para a qual ele se dirigia. Por isso ele pretende combinar uma formação em Humanísticas (Ciências Sociais) com a vertente das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação e as dimensões estética e gráfica. Depois de frequentarem um tronco comum, nos dois primeiros anos, os alunos optavam, a partir do terceiro ano, por uma das seguintes especializações: Jornalismo / Assessoria de Comunicação / Comunicação Multimédia. Pretendeu-se um leque vasto de saídas profissionais, das várias formas de jornalismo (escrito, radiofónico, televisivo e *online*) aos gabinetes de imprensa e de imagem, passando pela produção de *software* educativo ou de materiais multimédia de todo o tipo. Pretendeu-se também que o curso tivesse uma forte componente prática, em estúdio, laboratório multimédia e redação informatizada, com os alunos a trabalharem em projetos e, logo que possível, em produções para a Universidade ou para o exterior. Em cada semestre haveria um equilíbrio entre disciplinas teóricas e práticas.

A formação oferecida, ao nível da graduação, estruturava-se, portanto, num tronco comum, ao longo dos dois primeiros anos e em três opções posteriores, a saber: Assessoria de Comunicação, Jornalismo e Comunicação Multimédia. O funcionamento de opções permitiria ainda uma formação complementar variada e adaptada aos interesses dos estudantes.

Todo o Curso foi organizado em regime semestral e em unidades de crédito, em número total de 132, portanto em condições de fácil adaptabilidade às condições da declaração de Bolonha, que tenderão a uniformizar os modos de funcionamento de todo o ensino superior no espaço da União Europeia.